Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 761

20 DE FEVEREIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Andam os ares muito carrancudos. O cariz do céo está minaz, como dizia ha dias um velho poeta apaixonado da velha, boa lingua.

E o facto é que, apesar do grande clarão annunciado para o final apotheotico do fim do seculo das luzes, só de muita pancada e de muito estrago correm noticias pelas linhas telegraphicas do mundo inteiro e se enchem columnas cerradas de jornaes.

Pelo menos, cá pela nossa boa terra, não é sómente de inglezes e boers que se vae falando. Foram elles talvez que despertaram nossos instinctos bellicos; mas as fervenças da ira manifestaram-se na politica portugueza, quer nas eleições para deputados, quer nas assembleias dos paes da patria já eleitos.

Entretanto o nosso collega e querido amigo Magalhães Lima annunciava a sua conferencia sobre a paz e a guerra na sala da Sociedade de Geographia.

A liga da paz vae encontrando entre os portuguezes valiosos adherentes e o nome de Magalhães Lima é já dos muito notoriamente conhecidos na Europa.

Mas que lhe havemos nós de fazer, se até n'este jardim da beira-mar, illuminado pela luz da mais constante das primaveras, os temporaes, de quando em quando, fazem das suas, nos intervallos em que a gentil rainha das estações se esquece dos madrigaes dos poetas?

Foi assim que por algumas horas as luctas intestinas nos distrahiram das derrotas continuadas dos inglezes e distrahidos nos acharam ainda a nova do general French ter chegado a Kimberley com poucas perdas e de ter o general Roberts começado a invasão do Orange.

A confiança dos inglezes na victoria final vae assim renascendo. A camara dos communs approvou por grande maioria a proposta do governo para augmento do effectivo do exercito. O marquez de Lansdowne, secretario de estado do ministerio da guerra, disse que se lord Roberts pedisse mais reforços tel-os-hia promptos. O marquez de Salisbury, rejeitando o serviço militar obrigatorio, disse que estava convencido do bom exito final da campanha e que contava com o patriotismo dos inglezes.

A guerra, como se vê, está longe do seu termo, a não ser que nos reserve alguma surpreza a diplomacia do Transvaal, que, como é sabido, está em muito boas mãos.

Devido talvez ao espirito de imitação, vulgar em portuguezes, ou talvez á influencia que sobre os nervos exerce a electricidade das nuvens em dias de temporal, um verdadeiro temporal se desencadeou, ha dias, nas bancadas, em geral muito placidas, jardim em que floresce a rhetorica, no antigo convento de S. Bento.

Chegou alguem na galeria a lembrar-se dos antigos torneios que Francisco de Moraes descreve no seu *Palmeirim de Inglaterra*, tão portentosamente que o livro mereceu livrar-se do fogo a que o cura condemnou quasi toda a livraria do famoso cavalleiro manchego.

É pena não podermos voltar a esses bons velhos tempos; se o imperador da Grecia armasse cavalleiros os srs. deputados, se el-rei Frisol de Hungria lhes calçasse as esporas e a formosa infanta Polinarda lhes cingisse as espadas, com maior gosto apertariam os escudos e, de lança em riste, chegariam esporas aos cavallos, atirando-se ao inimigo. E em vez d'uma simples troca de ditos azedos e de gestos ameaçadores, teriamos, além do bello torneio, contos maravilhosos em que entrassem encantamentos escuros, castellos roqueiros, cavalleiros namorados, gigantes soberbos, escudeiros discretos e donzellas vagabundas, como resa o Francisco Rodrigues Lobo na sua *Côrte na Aldeia*.

Uns senhores deputados ficariam tão inteiros na sella como se ninguem os tocára, emquanto outros viriam a terra pelas ancas dos cavallos.

CARDEAL DOMINGOS MARIA IACOBINI — Fallecido em 1 do corrente

Seria enorme o estrondo dos encontros, travada e ferida a batalha das espadas, todos fazendo muito em armas e ferindo bravamente. Então o sr. presidente tocaria a campainha e veria quantos regeneradores estavam em terra e quantos progressistas em suas sellas, os olhos postos em suas damas.

Se não valia muito mais do que palavras sonoras, razões concertadas, trocados galantes e periodos que levam todo o folego, como ainda diz o mesmo Rodrigues Lobo?

E que lindo não seria, antes do commettimento ver cada senhor deputado, tal qual Palmeirim com os olhos postos na formosa Polinarda: «Senhora! para maiores affrontas quero vossa ajuda; por isso não vol-a peço n'esta, que sei que ante vós não me pode acontecer coisa que a victoria seja d'outrem, pois a já tendes de mim!»

E ellas lá na galeria applaudindo, e depois em D. Amelia, misturando romances de cavallaria e calão da *Lagartixa:*

— Muito bem, sr. Gonçalves, bem mereceu de sua dama. A lambada foi de escacha.

— Ó minha senhora Onistalda! Para que se não perdesse tudo, puz-me na pireza.

Ora como havia muito que por esse paiz fóra se dizia: «Isto já não vai senão á pancada.» alguem chegou a suppôr que alguns srs. deputados, interpretando um geral sentimento, tinham querido substituir por factos um ideal.

Afinal houve muito exagêro em tudo o que se contou da tumultuosa sessão do dia 15, como provam cartas publicadas e as declarações do sr. Presidente da Camara, Poças Falcão, cavalheiro a quem todos prestam homenagem e que merece o maior respeito de partidarios e adversarios politicos. Declarou o sr. presidente, no dia seguinte, que a sessão anterior havia sido encerrada por falta de numero e tumultuosamente, que todos lamentavam decerto os acontecimentos derivados d'um mal entendido, que tinha satisfação em participar que o incidente concluira por forma honrosa para todos e que não houvera consequencias, tendo ficado tudo resolvido n'essa mesma sessão.

Pois tanto melhor, que não faltam sombras negras, ameaçadoras de maiores temporaes, para que nos devermos ir preparando.

Muito nos devem preoccupar os negocios internos, muito deve dar-nos que pensar o que constantemente na imprensa estrangeira vamos lendo com respeito ao que se pensa do nosso dominio colonial.

D'elle nas camaras se falou ha pouco, sendo por unanimidade rejeitada a proposta do sr. Ferreira d'Almeida para que se tratasse da venda da maior parte das nossas possessões em Africa e de quanto possuimos na Asia e Oceania.

Eis uma decisão da camara que o paiz inteiro applaudiu, o que é raro.

Outro assumpto que deve merecer as attenções dos governos é o da nossa agricultura para quem as cheias são constante ameaça. Ha obras urgentissimas que não podem ser addiadas, sobretudo as que se referem á defeza d'essas enormes planicies do Tejo, que deveriam ser das maiores riquezas do paiz.

As fusões das grandes neves, juntas ás grandes quantidades de chuva foram motivo das ultimas desgraças. As correntes de todos os rios engrossaram como raris-imas vezes se tem visto.

No Porto alguns navios que puderam escapar ao perigo de ser arrebatados pela corrente, correm agora o de ficar em secco. A galera *America* e a barca *Ligeira* consideram-se perdidas. O vapor *Wicander* está encalhado e pedem-se trinta contos para tirar do fundo o vapor *Sir Walter.*

Foi imponente a cheia do Mondego, attingindo a agua em Coimbra, na cidade baixa, a altura dos primeiros andares.

O Tejo vai decrescendo, mas os lavradores todos se lamentam pelos muitos prejuizos que soffreram e hão de soffrer ainda, se as chuvas continuarem.

Mas as eleições teem absorvido todas as actividades do governo. Que importa que os agricultores soffram, que não haja dinheiro para obras de maior importancia, comtanto que se vença a eleição do Porto e a eleição de Palmella?

Pois a derrota do Porto foi uma cruel lição

E depois as chuvas hão de acabar, o verão ha de chegar um dia e a grande philosophia é a da *Lagartixa*: perna por cima da cadeira e «deixa andar, corra o marfim!»

Deixa andar, corra o marfim, é essa effectivamente a philosophia da nossa gente.

Não admira por isso o exito enorme da comedia em que Angela Pinto se estreiou no theatro D. Amelia. Nos outros paizes a peça é simplesmente uma farça com pilhas de graça, encadeamento logico dos mais estrambolicos e hilariantes disparates, mas cá só é para admirar que nos camarotes e balcões não se puzesse tudo, como as provincianas do terceiro acto: — «Deixa andar, corra o marfim!» É a divisa cá da terra.

O exito da comedia foi enormissimo. A grande sala do theatro D. Amelia encheu á cunha umas poucas de vezes. Noite ainda não houve em que os espectadores da *Lagartixa* coubessem em qualquer outro theatro.

Que todos agora teem tido publico, essa é a verdade. O inverno aquece-o.

No theatro de D. Maria agradou extraordinariamente a peça de Lavedan, *Catharina.*

Mas nem tudo foram alegrias n'estes dias ultimos, porque a noticia da morte de Furtado Coelho veio pôr no contentamento geral de emprezarios e actores uma nota tristissima.

Ha muito que se esperava esse desenlace fatal. O velho actor, que foi gloria do theatro portuguez, morreu pobrissimo n'uma casa de Pedroiços, onde velhos collegas e amigos lhe puderam valer, felizmente, nas ultimas horas que teve de vida.

Ha bem pouco, demos aqui noticia do beneficio, com magnifico resultado, que por iniciativa do empresario Taveira e com o concurso dos artistas de quasi todos os theatros de Lisboa, se realisou no theatro D. Amelia.

Bemdita foi a esmola. Mais socegados foram talvez os instantes finaes d'aquelle a quem soccorreu.

Furtado Coelho amou ardentemente a sua arte a que votou toda a sua lucida intelligencia. Amava tambem muito a musica e ainda o publico de Lisboa se lembra de quando elle nas Variedades se lhe apresentou tocando *copophone*, um bello instrumento, que nunca mais achou cultores.

Essa nota foi tristissima, quando todos se estavam preparando para as grandes alegrias do carnaval.

O theatro de S. Carlos prepara uma recita com a zarzuela *Duetto da Africana*, que será cantada n'um dos dias de entrudo. Entretanto canta se a *Fedora* em que é extraordinaria a Bellincioni.

Mas o carnaval está á porta e é n'elle que os empresarios pensam. Annunciam-se espectaculos, bailes... E tudo ha de dançar, pois então?

Mais tarde pensaremos em coisas serias — se fôr preciso.

Talvez não seja.

E deixa andar, corra o marfim!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CARDEAL DOMINGOS MARIA IACOBINI

No dia 1 do corrente deu a alma ao Creador, na cidade eterna, um dos mais estimados Nuncios Apostolicos que na sua carreira teem passado entre nós alguns annos, o illustre cardeal Domingos Maria Iacobini, erudito prelado que muito se impozera á estima e veneração do mundo official e alta sociedade portugueza, pelo brilho da sua illustração e intelligencia lucidissima.

Esta consideração retribuiu-a sua eminencia, sendo deveras affeiçoado ao nosso paiz, e a sua missão aqui foi das mais uteis como diplomata e como ministro da religião.

Causou, portanto, geral sentimento a noticia da sua morte, e as muitas missas e suffragios que se lhe dedicaram nas egrejas e capellas de Portugal, foram extremamente concorridas. Sua eminencia devia contar 63 annos de edade, pois nascera em Roma a 4 de setembro de 1837. Não se pode dizer que morresse de velhice. D'ahi a natural surpreza que sentiram quantos o conheciam.

A sua brilhante carreira começou logo n'uma das mais importantes instituições romanas, a santa congregação da *Propaganda fide*. Foi alli primeiramente addido ao archivo e depois official para os Estados Unidos da America, colonias inglezas do Canadá, India e China.

Em 1860, tendo apenas 23 annos, prégava brilhantemente no *Circulo de S. Pedro*, tornando-se o centro e a vida d'esta benemerita instituição.

Em 1874, foi nomeado para o importantissimo logar de substituto da secretaria dos Breves. Mas não esteve muito tempo n'aquelle logar, porque o Summo Pontifice Leão XIII, apenas subiu á cadeira de S. Pedro, poz sobre elle as suas vistas e o chamou a mais altos e delicados officios, nomeando-o secretario dos negocios ecclesiasticos extraordinarios e depois vice-bibliothecario da Santa Egreja Romana, e elevando-o ao mesmo tempo á dignidade de conego da Patriarchal Basilica Vaticana; e para mostrar o mais alto apreço em que tinha as suas virtudes e merecimentos, Sua Santidade o exaltou ainda á dignidade de arcebispo titular de Tyro, preconisando-o no consistorio secreto de 4 de agosto de 1881.

Em 1882 foi confiado a monsenhor Iacobini o gravissimo encargo de secretario da Santa Congregação da Propaganda, e alli continuou até que o Summo Pontifice o destinou para seu representante junto da corte portugueza.

Quando veiu assumir esse tão elevado cargo, o talentoso prelado apercebeu-se da necessidade de uma acção ponderosa na vida religiosa de Portugal. E assim tratou de arrancar os catholicos á sua inercia, impellindo-os a uma acção perseverante no campo das instituições vigentes, e dentro da orientação dada pelo Summo Pontifice. Entre as creações devidas á sua fecunda iniciativa existem a *Associação Protectora dos Operarios* e a *Associação da Mocidade Catholica*, onde pronunciou varios discursos de grande valor, de que chegaram a ser impressos alguns.

Estava espalhando entre nós por esta forma a sua acção, quando no consistorio de 22 de julho de 1895, foi monsenhor Iacobini elevado á dignidade de Cardeal.

Em 4 de julho de 1896 realisava-se no paço da Ajuda a ceremonia official da imposição do barrete cardinalicio. Todos sabem com que apparato se celebrou tão solemne ceremonia, constituindo uma verdadeira festa na corte.

O Summo Pontifice, elevando á dignidade de cardeal a Monsenhor Iacobini, reconhecera e premiara as superiores e apreciaveis qualidades que se reuniam no agraciado, e esse reconhecimento por parte de Leão XIII, a mais notavel capacidade dos nossos tempos, teve a mais alta significação.

Não tardou o cardeal Iacobini a seguir para Roma, afim de exercer junto de Sua Santidade as elevadas funcções de membro da corte pontificia, e a deixar Portugal. A doença porem não lhe permittiu desempenhar por muito tempo a sua honrosa missão, inhibindo-o até de tomar posse do cargo de vigario de Roma, para que Leão XIII ultimamente o nomeara, em substituição do cardeal Parocchi.

A doença aggravou-se, complicando-se, e no primeiro dia do mez corrente, munido de todos os soccorros espirituaes, confortado pela benção de Sua Santidade, partiu d'esta vida, a gozar na patria celeste a paga do bem que praticara na terra, esse illustre membro do Sacro Collegio.

Roma o viu nascer, Roma o viu extinguir-se. Era com subido desvanecimento que os romanos diziam, referindo-se ao seu patricio: *il nostro cardinale.*

Repouse em paz o estimado principe da egreja.

O CONGRESSO VINICOLA NACIONAL DE 1900

Realisou-se o congresso promovido pela Real Associação de Agricultura nos dias 5, 6, 7 e 8 do corrente, com uma assistencia de perto de 4.000 congressistas de todos os pontos do paiz. Presidiu á abertura dos seus trabalhos S. M. El-Rei, assistindo á cerimonia SS. MM. as rainhas e o senhor infante D. Affonso.

Os assumptos submettidos ao exame do Congresso foram previamente estudados por uma commissão de que faziam parte importantes e experimentados agricultores das diversas regiões do paiz, e onde tiveram voz e voto como membros d'ella os representantes das Associações e Syndicatos agricolas.

Facilitou-se a entrada no Congresso a todos os vinhateiros e negociantes de vinhos, havendo sido largamente espalhados a exposição das razões que motivaram o appello e o programma com os pontos sobre que versariam os debates.

As camaras municipaes foram tambem convidadas e corresponderam á certeza que havia do seu apoio caloroso.

O applauso geral é segura prova de que o plano de reformas alvitradas ganhou o favor da opinião; e a mesma critica deu realce ao exito do Congresso, demonstrando que a facilidade em contrariar raro eguala a capacidade em substituir.

Mas o que é indispensavel é que, sem perda de tempo, deem os governos a devida attenção ao grande mal da viticultura, o maior d'aquelles muitos de que enferma a patria, e porventura a sua causa principal. E terá o remedio que ser prompto, para que não succeda que largas cogitações,

com intento de produzir obra perfeita, percam a industria vinicola pela tardança.

Os relatorios apresentados ao Congresso pela commissão organisadora, e de que não podemos dar noticia, por falta de espaço, explicam de sobejo as razões determinantes das resoluções tomadas.

É certo que os pedidos soffreram modificações, mas, tendo sido estas mais aperfeiçoamento que alteração, em nada contrariam os principios que orientaram os relatorios, antes logo resaltam da idéa principal que presidiu á sua elaboração.

Teem por fim os diversos pedidos:

Alargar o mercado para o nosso principal rendimento — o vinho — desenleando-o de peias e vexames que lhe embaraçam e difficultam o consumo, e não poucas vezes originam fraude e sophisticação;

Promover efficaz propaganda mercantil, firmando tratados que ponham termo ao isolamento commercial em que temos vivido;

Restringir o emprego do alcool industrial no tempero dos vinhos, valorisando e dando sahida á aguardente nacional;

Facilitar transportes e reduzir tarifas que, por demasiado pesadas, oneram excessivamente a circulação.

Eis os pedidos formulados pelo Congresso vinicola nacional:

Consumo interno — Imposto de consumo e real de agua

Relator — Alfredo Barjona

O Congresso entende:

1.º Que seja abolido, por completo, o imposto do *real de agua*, não podendo o vinho ser incluido na pauta a que se refere o § 2.º do artigo 74.º do codigo administrativo.

2.º Que os poderes publicos se occupem com urgencia da suppressão do imposto de barreiras em Lisboa e Porto sobre as uvas frescas e o vinho de graduação inferior a 13º, com 0,5 de tolerancia; reclamando entretanto, e desde já, as seguintes modificações na pauta do consumo em Lisboa:

Art.os 17.º a 19.º — Vinhos communs até 13º, com 0,5 de tolerancia, vinhos engarrafados de producção nacional, e vinhos caracterisados do Porto e da Madeira, em quaesquer vasilhas, por kilogramma.	20 réis
Por cada grau (ou fracção) a mais, até 22º,5 em kilogramma..........	6 »
Art.os 13.º, 14.º, 15.º, 16.º e 20.º — Alcool e aguardentes simples e preparadas, por litro..............................	600 »
Alcool desnaturado, por litro.........	10 »

3.º Que se adoptem providencias tendentes á diminuição do consumo de bebidas alcoolicas.

4.º Que o fornecimento de vinhos, azeites, vinagres e aguardentes para o exercito, a armada e as Guardas Municipaes e Fiscaes seja feito por intermedio do Mercado Central de Productos Agricolas.

Consumo nas ilhas e colonias

Relator — J. G. Macieira

O Congresso entende:

1.º Que sejam abolidos os impostos municipaes, que actualmente incidem sobre os vinhos nas nossas possessões africanas;

2.º *a)* Que seja prohibida a entrada do alcool estrangeiro;

b) Que a aguardente simples, encascada, da graduação de 75º a 78º centesimaes Gay-Lussac, de producção nacional, seja livre de direitos;

c) Que as aguardentes preparadas, licores, cognac, etc., de graduação inferior a 20º Cartier ou 53º centesimaes fiquem pagando 500 réis por litro de liquido;

a) Que estes mesmos liquidos, quando de producção nacional, gosem o differencial de 50 por cento;

3.º Que se organise um distinctivo para os vinhos analysados, em conformidade com os considerandos apresentados no relatorio;

4.º Que para o pagamento do direito de 1 real por litro, seja mantido o limite de 19º Salleron, applicando se á Africa occidental o estabelecido para a Africa oriental e de 19º para cima pague, pelo alcool a mais, o direito estabelecido para o alcool, com excepção de todos os vinhos engarrafados e dos caracterisados do Porto e da Madeira, em quaesquer vasilhas, sem limite de graduação;

5.º Que se estabeleça uma carreira mensal ligando o continente á Africa oriental e que se reduzam os preços nos fretes das carreiras já existentes para a Africa occidental;

6.º Que se auctorisem as camaras municipaes das ilhas dos Açores e Madeira a modificar as suas tarifas de impostos para o seguinte:

Vinho commum, tinto ou branco, encascado até 14º, e os engarrafados e os do Porto de qualquer graduação, em quaesquer vasilhas, 5 réis por litro.

Vinho de maior graduação, 50 réis por litro.

7.º Que a entrada de aguardente de vinho de 28º a 30º Cartier, nacional e da metropole, seja livre de qualquer imposto nos Açores e Madeira;

8.º Que é de necessidade defender para os vinhos da metropole o mercado colonial, sem duvida o mais vasto e promettedor, julgando o Congresso que os mais proficuos meios de conseguir esse fim são:

1.º Derivar para a fabricação de assucar a canna que nas colonias se produz e distilla em larga escala;

2.º Fomentar, por qualquer meio, a applicação das culturas coloniaes a outra industria que não seja a do alcool.

Consumo externo — Mercados exoticos e tratados de commercio

Relator — D. Luiz de Castro

O Congresso entende:

1.º Que ao governo cabe o dever de empenhar todos os esforços para que, por meio de tratados de commercio, se melhore a situação dos vinhos portuguezes nos mercados do Brazil, da Inglaterra, da França, da Allemanha, da Austria-Hungria, da Republica Argentina e da Suissa.

2.º Que seria altamente nocivo á vinicultura patria negociar tratados de commercio sobre a base da introducção de alcool industrial em o nosso mercado, com regimen de favor.

3.º Que é urgente o governo fazer valer, em proveito dos vinhos portuguezes, os direitos garantidos pela Convenção de Madrid sobre a protecção da propriedade industrial.

4.º Que seria vantajoso organisar-se uma companhia vinicola abrangendo o centro e sul do reino e multiplicarem-se as cooperativas regionaes de producção e venda por todo o paiz.

5.º Que é de necessidade urgente auxiliar a creação de adegas sociaes, conforme o decreto de 30 de setembro de 1892 e derruir por completo as peias collocadas pelas leis ante a marcha do movimento associativo rural.

6.º Que deve ser abolido o direito imposto á sahida da uva portugueza para o estrangeiro.

Propaganda vinicola

Relator — J. G. Macieira

O Congreeso entende:

1.º Que se devem inserir no boletim commercial do ministerio dos negocios estrangeiros as informações indicadas no texto d'este parecer;

2.º Que se deve fazer a remessa periodica, para a Real Associação Central da Agricultura Portugueza, dos typos de vinhos que mais acceitação tenham nos differentes paizes consumidores;

3.º Que aos nossos consules se faça ver a conveniencia de promoverem a organisação das camaras de commercio, pela colonia portugueza habitando a area dos seus consulados.

4.º Que sejam creados junto aos consulados onde se julgue conveniente (Bruxellas e outros) um mostruario em que se exhibam amostras dos nossos vinhos para elucidação do commercio e consumidores locaes.

Alcool

Relator — Cincinato da Costa

O Congresso entende:

1.º Que a importação do alcool do estrangeiro só seja permittida quando se demonstre não existir no paiz alcool de industria ou aguardente de vinho de producção nacional em quantidade sufficiente para occorrer ás necessidades do consumo.

2.º Que por meio de estação competente, que poderá ser uma repartição especial do Mercado Central de Productos Agricolas, se faça o apuramento da não existencia de alcool de producção nacional (aguardente de vinho e alcooes industriaes) e se fixe o *quantum* de importação para occorrer ás necessidades do consumo, dentro do anno agricola.

3.º Que o preço de venda das aguardentes de vinho de 30º Cartier ou 78º centesimaes não possa ir além de 230 réis o litro.

4.º Que o preço da venda do alcool industrial de 95º não possa ir além de 280 réis, e se estabeleça o preço proporcional, por grau, para graduações superiores ou inferiores.

5.º Que o governo possa auctorisar a importação de alcooes do estrangeiro, quando os preços das aguardentes de vinho ou alcool industrial vão além d'este maximo.

6.º Que seja augmentado em 40 réis por litro, pelo menos, o imposto de producção sobre os alcooes industriaes.

7.º Que o direito de importação sobre o alcool estrangeiro seja augmentado de modo que não haja vantagem em o adquirir de preferencia ao alcool ou aguardente nacional.

8.º Que a venda do alcool industrial seja sempre feita por intermedio do Mercado Central ou suas delegações, não devendo nunca o alcool ter mais de $^{2}/_{000}$ de impurezas.

9.º Que, não sendo para o consumo directo, ou adubação de vinhos, etc., possa o alcool industrial ser vendido fóra do Mercado Central, sem garantia de pureza, uma vez desnaturado.

10.º Que o alcool industrial, desnaturado á sahida das fabricas, pague sómente o imposto de producção de 20 réis por litro.

11.º Que seja prohibida a distillação de cereaes no continente e ilhas adjacentes.

12.º Que seja prohibida a distillação de generos importados em Portugal.

13.º Que seja prohibida a importação, nas colonias, de alcool estrangeiro.

14.º Que seja garantido aos exportadores de vinhos o *bonus* de exportação de 600 réis por pipa de 534 litros para os vinhos generosos, e de 500 litros para os vinhos de pasto, emquanto o preço das aguardentes se mantiver a 230, devendo diminuir o *bonus*, conforme baixar o preço da aguardente, até ao limite de 200 réis por litro.

15.º Que seja supprimido o direito de 6 réis sobre a exportação de vinhos generosos.

16.º Que seja montado o serviço da fiscalisação dos alcooes em uma repartição especial do Mercado Central de Productos Agricolas e suas delegações.

17.º Que seja applicado o imposto de producção sobre o alcool colonial de 110 réis por litro.

18.º Que seja prohibido o estabelecimento de novas fabricas de alcool industrial.

19.º Que se não permitta augmentar a quantidade de alcool industrial produzido pelas fabricas existentes.

Tarifas de transportes

Relator — J. X. Oriol Pena

O Congresso entende:

1.º Que os caminhos de ferro do paiz concedam á viticultura nacional, para o vinho e seus derivados, uma tarifa similhante á que a Companhia real applica ao transporte das bebidas fermentadas, cervejas, gazosas e refrigerantes, com um minimo de peso reduzido a 25 kilogrammas, com retorno gratuito de taras.

2.º Que se reduzam as tarifas para o transporte de garrafas vasias, com um minimo de 100 kilogrammas, e a taxa de 10 réis por T. K.

3.º Que se reduzam as tarifas para o transporte de madeiras em bruto, exoticas ou nacionaes, destinadas ao fabrico de vasilhame, e com a garantia de que terão essa applicação, aproveitando-lhe a tarifa especial para transporte de aduelas, actualmente em vigor na Companhia Real, e tarifas similhantes nas outras linhas.

4.º Que se adopte nos caminhos de ferro do Estado para os transportes de vinhos de consumo, que concorram ás feiras e mercados do paiz, uma tarifa analoga á das linhas do Norte, Leste, Oeste, Orléans. Lyon, Sul e do Estado em França em que se pague o frete por inteiro por occasião da expedição, com direito a regresso gratuito á procedencia para aquelles que não foram vendidos.

5.º Que o governo faça adoptar egual tarifa para as linhas exploradas por emprezas ferro-viarias.

6.º Que similhantes tarifas constituem norma para todos os vinhos portuguezes que se destinem a exposições, concursos e outros certamens de egual natureza que tenham logar em todo o paiz.

A RIBEIRA DE SANTAREM

É Santarem uma das mais formosas povoações que se encontram na margem direita do Tejo; constitue ella a capital do seu concelho, comarca e districto, achando-se situada á distancia de uns 80 kilometros ao N. E. de Lisboa.

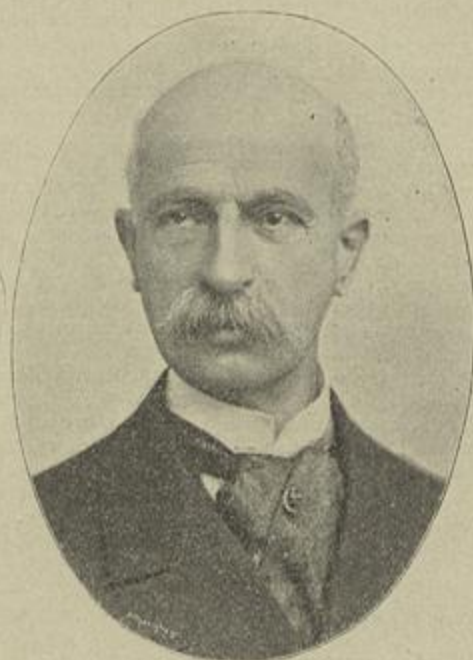
Elevada á categoria de cidade em 1868, conta

Congresso Vinicola Nacional

JOÃO ACHILLES RIPAMONTI
1.º secretario do Congresso

CONDE DE BERTIANDOS
Presidente do Congresso e da assemblea geral da Real Associação da Agricultura

JOAQUIM JOSÉ D'AZEVEDO
2.º secretario do Congresso

CINCINATO DA COSTA
Director da Real Associação de Agricultura e relator da 2.ª parte da 4.ª secção

CONDE DE SOBRAL
Presidente da direcção da Real Associação de Agricultura

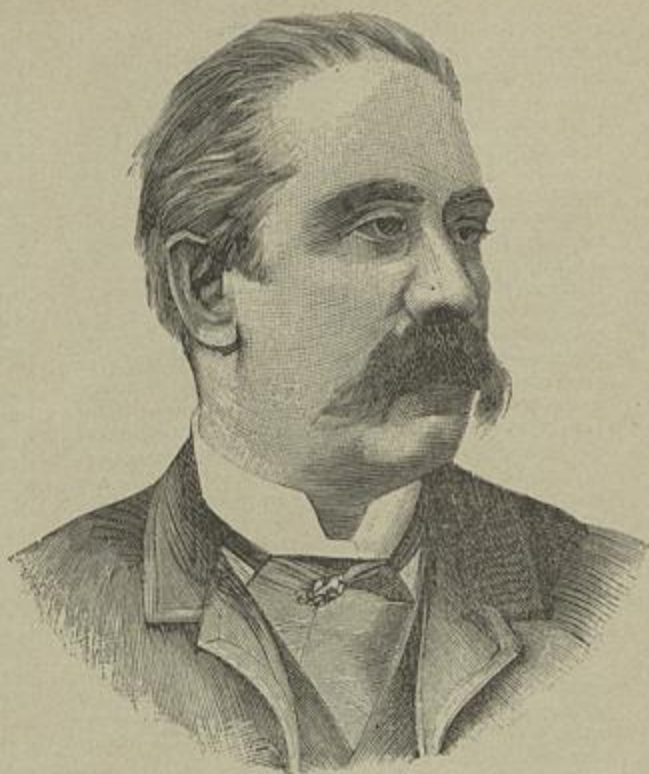
D. LUIZ DE CASTRO
Director secretario da Real Associação de Agricultura e relator da 3.ª secção

JOSÉ GUILHERME MACIEIRA
Relator da 2.ª secção e da 1.ª parte da 4.ª secção

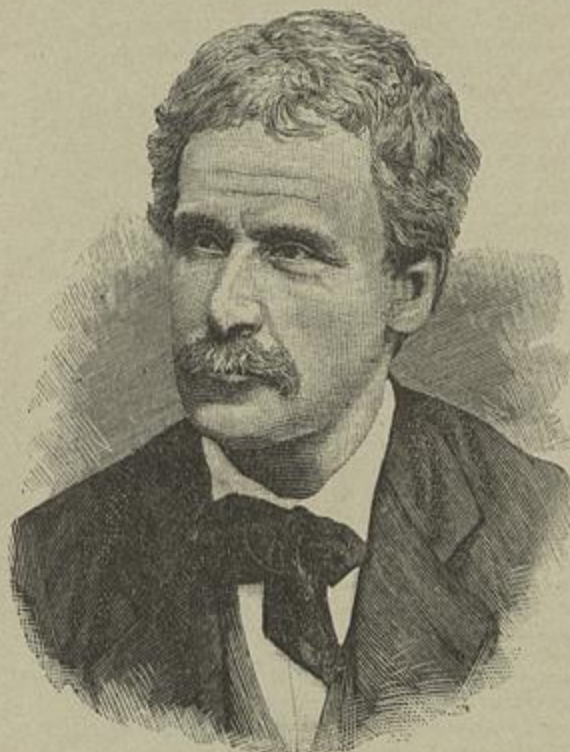
ALFREDO BARJONA
Relator da 1.ª secção

ORIOL PENA
Relator da 3.ª parte da 4.ª secção

PRINCIPAES ORGANISADORES DO CONGRESSO

Congresso Vinicola Nacional

CONSELHEIRO MARIANNO DE CARVALHO
Representante do Syndicato Agricola de Montemór

VISCONDE DE CORUCHE
Vinicultor em Coruche e no termo de Lisboa

HENRIQUE MENDIA
Deputado. Vinicultor em Aveiras

VISCONDE DE CHANCELLEIROS
Vinicultor na Cortegana

JAYME DE SÉGUIER
Consul de Portugal em Bordeus. Delegado do governo portuguez no Congresso de Bruxellas para a protecção da propriedade industrial

F. A. DE OLIVEIRA FEIJÃO
Professor da Escola Medico-Cirurgica. Vinicultor em Santarem e representante do Syndicato Agricola do Districto de Santarem

DOMINGOS PINTO COELHO
Director da Real Associação de Agricultura

PRINCIPAES ORADORES DO CONGRESSO

na sua historia os mais brilhantes factos e de entre os seus filhos portuguezes distinctos lhe deram nome celebrado. Tambem as lendas mais poeticas n'ella fizeram ninho e ahi vivem dando á tradicção todo o vago perfume do mysterioso das suas ruinas e da vegetação dos seus oiteiros, que ora se lhe espelham nas aguas do Tejo, ora espreguiçam a sua sombra pelas campinas que tão vastas em torno se lhe estendem, separadas apenas pelo fresco valle tão conhecido.

É certo que Santarem já existia no tempo dos romanos chamando-se *Julium Presidium*, em respeito a Julio Cesar, que, pela sua população e boas fortificações, a escolheu para praça principal da Luzitania. Foi visitada pelo imperador Augusto, o qual lhe concedeu largos privilegios. Diz a tradicção que no anno de 653 appareceu alli o corpo de Santa Iria, a virgem martyr. Ainda, segundo a tradicção deriva d'esse nome de Irene (*Sant'Irene*) o da povoação.

Os mouros, emquanto foram d'ella senhores, conservaram-lhe o nome primitivo, que era *Scalabis Castrum*. Em 1093 D. Affonso VI de Leão a tomou, perdendo-a em 1110. D. Affonso Henriques, passados 31 annos em 8 de maio de 1147 a conquistou definitivamente, povoando-a de christãos e dando-lhe grandes privilegios.

D. Sancho I e seus successores tiveram por vezes a côrte em Santarem. O seu foral foi confirmado e ampliado com diversos privilegios por D. Affonso III e outros monarchas até D. Manoel, que lhe deu o ultimo em 1506.

D. João I, em 1385, convocou côrtes n'esta povoação; D. Duarte em 1433, e D. João II, na ausencia de D. Affonso V, em 1477.

Santarem, no antigo regimen, tinha voto em côrtes com assento no primeiro banco.

Entre os seus monumentos antigos contam-se muitos templos de boa architectura, taes como Santa Maria de Marvilla, os do Salvador, da Graça, S. Nicolau, Santa Maria de Alcaçova, e da Senhora da Piedade.

Entre os modernos é a grande ponte que atravessa o Tejo, ligando Santarem á estrada de Almeirim, o mais notavel d'elles.

A Ribeira de Santarem é a parte inferior e mais baixa da cidade. Ahi perdeu a vida o infante D. Affonso, herdeiro de D. João II. Mas o sitio ainda dá hoje motivo de desgosto á historia. É com as cheias do Tejo, de que tantas vezes se torna victima imbelle, que mais soffre. As cheias que ultimamente tantos prejuizos causaram em todo o paiz tambem se fizeram sentir fortemente em Santarem de baixo. Depois das cheias de 1855, 1876 e 1895, foram estas as maiores do seculo prestes a findar.

A de 1855 attingiu, no seu maximo, ás 12 horas da noite de 19 de fevereiro — 7m,50 acima da estiagem: a de 1876 (que foi a maior) marcou nos hydrometros d'Alfange, ás 11 horas da noite de 7 de dezembro — 7m,82; a de 1895, subiu até 7m,57, ás 3 horas da madrugada de 26 de fevereiro.

A ultima inundação marcou na escala hydrometrica do Penedo de Santa Iria, na Ribeira, 7m,36 pelas 12 horas da noite de quarta feira 14, estacionando a essa hora.

D'aqui varios sinistros, que por muito tempo darão má memoria de si.

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

(Continuado do n.º 760)

A *Creação do homem!* Que thema este para pintores estudantes, dado por uma Academia official portugueza, em pleno seculo XIX! De duas uma — ou o jury dos professores se contentava com quaesquer abortos pictoricos, e então onde estava a seriedade do acto, e a justificação dos premios concedidos?! — ou não, e tendo a consciencia do valor artistico, das difficuldades d'essa prova, e da mingua de forças dos que a tentavam, — innocentes elles do perigo, e audazes só pela sua ignorancia — o jury dava uma prova de insigne má fé, de falta absoluta de senso moral, propondo-lhes um problema d'arte, para o qual elle já os sabia inhabilitados!

A tradição da escolha d'estes assumptos para provas praticas dos alumnos perpetuou-se no ensino das Academias: é antiga, veiu das escolas da Renascença, passando, sem criterio, até nós; e, creio que ainda dura! Assumptos estupendos, dos mais altos, dos mais difficeis, pela composição, pela disposição das figuras, pela expressão, já divina, já humana, esta sublimada pelas mais fundas e violentas paixões — o amor terrestre, a exaltação religiosa, com toda a diversidade do sexo e da edade; assumptos da historia antiga, de civilisações e raças extinctas, cujos caracteres ethnicos, habitos, indumentaria, architectura, mobiliario, ceramica, uns e outros — mestres e discipulos — desconheciam por egual, por não terem livros onde os estudassem, nem museus, onde os vissem; o paganismo e o christianismo, a Fabula e a Biblia, a velha India, Ninive, Babylonia, os assyrios, os persas, os egypcios, os gregos e os troyanos, os carthaginezes e os romanos, todas as regiões da terra e todas as religiões da humanidade!

Entrevistos atravez da erudição e da exegese balbuciante dos humanistas dos seculos XV e XVI, por todos os motivos timidos nos seus primeiros passos—quando não pertenciam á egreja o poder real e a Inquisição tinham nelles os olhos — todos esses grandes themas, historicos ou fabulosos, foram tratados com muita arte, e pouca sciencia pelos maiores genios, pelos mais assombrosos artistas, de cujas mãos trouxeram já o sello e a auctoridade dos seus nomes immortaes. Paginas eternas do *Livro d'oiro* da Arte christã, ficaram dispersas, brilhando como estrellas fulgurantes no firmamento; realisam muitas d'ellas o ideal, encantam-nos, e exercem sobre nós a fascinação do bello: imagens da vida anima-as uma vida superior — a do genio que as inspirou!...

Interpretações exemplares e sublimes da natureza, são decerto para serem vistas, examinadas e estudadas; educarem-se nellas os olhos, afeiçoarem-se na sua copia as mãos inexperientes, aprender com ellas o estylo no desenho, imital-as, em todas as finuras do pincel e da paleta, prescrutar-lhes os segredos, para rivalisar com os seus primores—isto sim; mas passar além, e dar taes assumptos aos discipulos, como these final dos seus cursos, é erro grave e indisculpavel! Se Ticiano, o divino Raphael, o tres vezes grande Miguel Angelo, o Dominichino, o Rembrandt, o Andréa del Sarto, o Tintoreto e o Rubens, os tinham tratado, razão era de mais para os deixar no dominio, nas altas regiões dos grandes mestres!

É este o falso criterio d'arte, que parece ainda reinar no nosso mundo official! Desastres sobre desastres não teem desmanchado a mais pequena prega da tunica d'esta estatua da Immobilidade! Antigos e modernos, elles passam e esquecem — ella fica! Sobre a urna onde jazem, e d'onde, em determinados momentos, saem estes geniaes problemas, tem pairado o *noli me tangere*; como o vaso das *sagradas particulas* ella e sagrada — ninguem lhe toca!

*
* *

Estes quadros da *Creação do homem*, e os esboços feitos em tres horas, tendo por assumpto *A volta do filho prodigo*, fôram apresentados na Exposição da Academia. Rackzynski estava então cá, viu-os, e eis o que elle nos diz: *Ce sont les essais de quatre jeunes gens, sur l'avenir desquels on ne pourrait encore, sans présomption ou sans flatterie, porter un jugement quelconque. Une chose que je ne puis m'expliquer, c'est que les quatre tableaux de la Création de l'homme soient tout à fait pareils sous le rapport de la composition et de la couleur. On dirait que le Saint-Esprit est descendu sur ces élèves de l'Académie, et les a tous inspirés de la même manière* »

Atravez das palavras do illustre diplomáta-historiador, nas entre-linhas d'esta apreciação, estamos a vêr o Espirito Santo baixando sobre os quadros sob a forma, menos symbolica, mas mais effectiva, do pincel do illustre professor, pae d'um dos jovens artistas. Se não é isto, não atinamos então com o sentido que o illustre critico lhes quiz dar.

Artista formado em Roma, discipulo de Camuccini, do que elle fazia grande alardo, exageradamente elogiado pela imprensa, o primeiro então de todos os artistas portuguezes contemporaneos — Sequeira já estava morto; com o orgulho dos seus merecimentos e da sua posição official, novo ainda, e com um genio vivo, impetuoso e dominador, é muito possivel que Antonio Manuel lançasse sobre as obras dos seus discipulos o que o grande Dumas chamou um dia — *ma poudre d'or*...

Se a critica entra hoje ás vezes em tempestuosas rajadas nas salas das exposições d'arte, e varre tudo como um furacão, os nossos Planches e Gautiers de 1844 eram mellifluos e galanteadores, como cortezãos dos mais delicados. Tudo eram genios, e talentos, e primores! Os grandes nomes da arte antiga e da Renascença desciam, a seu rogo, dos altos pedestaes, e vinham aqui admirar e festejar tudo, as obras e os seus auctores! Ramalhetes floridos de palavrosa eloquencia, garrida e retumbante, com graças e donaires de Bernardes e de Vieira, eram essas paginas, em que destacavam, aqui e alli, em artificiosa disposição, os nomes dos artistas classicos então na moda, — o Guerchino para o pensamento, o Caravaggio para as figuras, e o divino Raphael para a expressão! Pouco lidos na historia da arte pouco viajantes, e desconhecendo por isso os museus, o que se lia, nesses artigos e noticias dos jornaes era o reflexo das conversações, era a esthetica, o gosto, a opinião, a critica emfim, dos raros artistas, que professavam na Academia.

Não repetiremos aqui o que já dissemos, quando escrevemos a vida artistica de Annunciação, que foi o unico d'estes rapazes, que se fez homem na arte, sem sair de Portugal. Caso raro — devido em parte á especialidade a que se dedicou. As *Cartas* de Rackzymki são documentos preciosos para a historia da arte nacional no periodo de que ellas tratam, e não só para isso. *Bric à brac* de confusas informações, dispostas sem methodo, apesar d'isso, o leitor paciente não terá por perdido o tempo que lhes dedicar. A dupla qualidade de extrangeiro e de diplomata do seu auctor, se por um lado foi causa de incertezas, de inexactidões e até de erros, por outro tornaram-lhe sensiveis coisas e aspectos, que, por nos serem habituaes, não nos mereceriam reparo; e a alta posição official, dando-lhe entrada nas residencias da antiga aristocracia, pondo-o em contacto pessoal com ella, permittiu-lhe vêr os restos do nosso *ancien régime*, e tratar de perto os seus ultimos e mais distinctos representantes. Velhos fidalgos e velhos palacios, os solares abandonados e os conventos desertos — as rugas da velhice e o marasmo dos oiros — os homens e as coisas — tudo isto em multidão confusa, se vê passar lentamente, como uma vaga procissão de phantasmas, ainda com os ultimos e convulsivos gestos da recente vida, nas paginas d'esse livro, cosmorama de ruinas das passadas grandezas, agora desertas moradas de saudades, sem esperança!

*
* *

Metrass tinha então dezenove annos — ia entrar na vida. Com as aspirações da mocidade, o espirito ancioso por devassar os recintos, para elle ignotos, da arte italiana, e com a ambição de gloria, que domina e impelle os talentos — achou-se apertado, nesse ambiente, no meio social do seu tempo: — o sol que o havia de illuminar, não o via elle d'aqui. A sua cabeça e o seu peito — pediam outros ares, outros horisontes — os dos grandes mestres, e os da grande Arte. E então partiu para Roma.

(Continúa) *Zacharias d'Aça.*

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

O reino de Portugal, logo desde os seus principios, teve as industrias proprias e necessarias ao estado de adeantamento em que se encontrava. Seguia a lei geral, isto é, as mais nações da Europa n'esse respeito não podiam estabelecer primazias, porque nenhuma se avantajava. Como parte integrante da peninsula, póde affirmar-se até que Portugal, mercê dos mouros e dos religiosos, tinha a agricultura, sua principal industria, melhor desenvolvida do que os outros paizes mais ao norte.

O mussulmano Ibn Alauam, na sua obra sobre a agricultura dos mouros na peninsula, dá-nos o mais valioso testemunho.

Atravez dos seculos, teem-se mantido como monumento util todos os instrumentos agrarios e grande numero das culturas que os sarracenos nos trouxeram. A *picota*, ou *cegonha*, essa machina simples e primitiva de tirar agua do fundo dos poços, é obra sua. A *nora*, esse engenho de elevar a agua, que a suave poesia dos campos torna agradavel, é com o calabre e com os alcatruzes um invento dos arabes, ou pelo menos uma das machinas trazidas por elles á peninsula.

A industria agraria foi, pois, desde o alvorecer da monarchia, o verdadeiro esteio da nação portugueza, como o já tinha sido antes para o condado portucalense.

O povo portuguez, valente por condição, heroico e sobrio por temperamento, soffreu por muitas vezes os rigores da fome e a extrema miseria.

Então, as porfiadas luctas da conquista, as dilatadas pelejas contra os infieis, consumiram muitas vidas e muita actividade. Mal o agricultor n'um instante de relativo socego se entregava

mais tranquillo ao amanho da terra, logo tinha que abandonal-a para correr a empunhar a bésta, o virote e o pelouro.

Nos momentos de paz, os primeiros monarchas, como D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II e D. Affonso III, dedicam-se ao desenvolvimento da população e da agricultura.

Mas as perseguições dos mouros não soffrem entretanto affrouxamento notavel e d'ahi provieram enormes prejuizos ao progresso das industrias do reino nascente. Bastante industriosos, os sarracenos, acossados pela lança e pelo montante dos guerreiros portuguezes, procuraram abrigo em paizes mais hospitaleiros, levando comsigo entre outros o trafico das lãs e das sedas, que tão cedo conheceram

Durante longos annos se refugiou então a industria nos claustros, onde fez progressos notaveis. Nas cercas os frades hortelões conservam varias culturas; no interior dos conventos os religiosos mais habeis exercem os diversos officios e misteres.

A actividade monachal vae depois sahindo do remanso dos mosteiros, que, a par de mansões de oração e de estudo, se tornam em focos e escolas de actividade industrial, em laboriosas colonias agricolas que arroteiam sertões, desbravam campinas incultas e fecundam vastos territorios, até então desertos e maninhos.

N'outra ordem de trabalhos, os abbades das corporações monasticas levantam os planos dos conventos e dos templos. No exercicio da arte de edificar distinguem-se os monges cistercienses, de S. Bernardo, como nos outros se assignalam os cartuxos, alcobacenses, pombeiros, laubarnenses, etc. Os freires superintendiam nas restaurações e reformas de outras egrejas e mosteiros; e pelos seus estudos nas artes e officios se travaram relações artisticas e industriaes de convento para convento, seguindo as tradicções praticas e theoricas, na traça dos templos e no recheio d'elles.

Deu se por isso a systematica conformidade nos riscos e nos processos dos trabalhos monachaes. Esta conformidade evidencia-se claramente, em tempos mais modernos, nos edificios da Companhia de Jesus, originando a chamada architectura jesuitica.

Mas nem só estes ultimos religiosos nos offerecem exemplos de identidade de regras de construcção nos seus edificios. Eis, ao acaso, um outro:

A bella egreja parochial de S. Sebastião, de Setubal, que pertenceu aos frades dominicanos, é uma reproducção da egreja de S. Domingos, de Lisboa, tambem erigida pela mesma ordem.

Aos antigos mosteiros, os fidalgos e os particulares doam nos primeiros tempos varias terras e industrias, por lhes faltarem elementos para o seu exercicio.

Do reinado de *D Affonso Henriques*, ha documentos que comprovam este facto e a existencia de algumas industrias coevas.

Os nossos primeiros escriptores não se occuparam da actividade nacional quanto ao trabalho productivo. O estudo do desenvolvimento das industrias n'esses tempos primordiaes do reino é pois difficil e impossivel de estabelecer. Apenas as clausulas dos foraes e um ou outro documento dos cartorios monasticos e das chancellarias offerecem indicações sobre as varias industrias.

Depois da caça e da pesca, a moenda dos cereaes é porventura uma d'aquellas de que se conhecem noticias mais remotas, sabendo-se que os cruzados trouxeram á peninsula o moinho de vento, como os arabes tinham trazido os de agua, as pittorescas azenhas.

Em julho de 1157, sendo mestre absoluto da Ordem do Templo o notavel D. Gualdim Paes, houve uma doação regia de oito moinhos situados na ribeira do Alviella, feita ao mestre e á sua ordem, declarando-se que metade do rendimento seria para a corôa.

Os *trapeiros* já produziam diversos lanificios, como a *biffa*, tecido enfestado por ambos os lados, bureis grosseiros e os pannos de lã mais em uso.

A viticultura tambem se evidencia. De 1170, ha um documento interessante. N'esse anno, Pelagio Peariz e sua mulher, Adosinda Dias, dôam ao mosteiro de Lorvão a terça parte de uma vinha.

Com *D. Sancho I*, fomenta-se a povoação e progridem outras industrias coevas, como minas, salicultura, pesca, pecuaria, lacticinios, etc.

Em 1200, recebem os templarios mais uns moinhos, doados por Pedro Gonçalves, o que parece indicar conhecerem aquelles freires processos de maior rendimento na moenda, como os tinham mais aperfeiçoados n'outros ramos da industria agraria, como por exemplo no fabrico do azeite que exploraram até fins do seculo XVIII [1].

Pelos meiados do seu reinado, D. Sancho I viu destruidos em parte os resultados dos seus esforços como rei povoador. Em 1202, a grande penuria de subsistencias que houve na Europa estende-se a Portugal, onde morre muita gente e animaes.

A mineração e a pecuaria são talvez as industrias que mais se levantam apoz essa quadra terrivel.

Apparece então a primeira coudelaria, a qual era em terras de Soure. A creação de cavallos, embora já mais antiga, desenvolve-se brilhantemente.

Quasi no final do seu reinado, D. Sancho I dá-nos o primeiro documento que se conhece sobre minas: a doação dos dizimos do oiro da Adiça aos freires de Santiago.

O reinado de *D. Affonso II* não deixou vestigios dignos de menção quanto a industrias. Durante mais de vinte annos apenas a salicultura se desenvolve entre os christãos pela tomada, em 1217, de Alcacer do Sal.

Com *D. Sancho II*, cujo reinado vae desde 1223 até 1248, apparece-nos a primeira noticia relativa á lavra das sedas, facto importantissimo se notarmos que só em 1470 se estabeleceu esta industria em França.

É prova d'isto o foral que em 1233 deu o arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho, estando em Chaves, aos moradores do couto de Ervededo, no qual ordenava que a folha das amoreiras se não vendesse para fóra do couto, e que do sirgo que se creasse receberia a sua parte em casulos.

Por esta epoca, tambem o monarcha melhora e augmenta a industria pecuaria, obrigando as ordens religiosas a crearem cavallos.

A illustrar o reinado de *D. Affonso III*, só um facto a historia conservou digno de registo na logographia industrial. É a instituição, em 11 de janeiro de 1269, dos primeiros estudos publicos que houve no reino. Foi no celebre mosteiro de Alcobaça que se iniciou o formoso capitulo da instrucção popular.

Mais um titulo de gloria a conceder aos sabios monges alcobacenses, a esses religiosos tão notaveis pelo seu saber, como pelo cuidado que a instrucção sempre lhes mereceu, como teremos ensejo de confirmar.

(Continúa) *Esteves Pereira.*

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

I

Ordinov decidiu-se porfim a mudar de quarto. A patroa, pobre viuva d'um empregado publico, vira-se obrigada, por motivos inesperados, a deixar Petersburgo, retirando-se para casa dos parentes, ao fundo da provincia, ainda antes de terminado o praso dos arrendamentos. O rapaz, que estava disposto a esperar até ao fim do aluguer, pesava-lhe deixar assim tão de repente o velho cantinho. E depois... era tão pobre e as casas tão caras! Mas, logo no dia seguinte ao da sahida da patroa, pegou no chapeu e foi passear pelas ruas, examinando os escriptos que annunciam quartos para alugar, escolhendo as casas mais arruinadas e com mais gente — d'essas em que mais naturalmente encontraria um proprietario quasi tão pobresinho como elle.

Todo entregue a seu projecto, havia já muito que buscava: mas, pouco a pouco, sentia que o invadiam sensações extranhas. Distrahidamente primeiro, depois com certa attenção e porfim com extrema curiosidade, poz-se a olhar em volta. A multidão, a vida exterior, o barulho, o movimento, a variedade dos espectaculos, toda a mediocridade das coisas da rua, todo esse *quotidiano* da vida, que tanto afadiga os azafamados de Petersburgo sempre em busca — tanto em vão, mas tão activamente — do jantar a conquistar pelo trabalho ou seja como fôr, toda essa prosa vulgar e aborrecimento evocavam no espirito de Ordinov uma alegria serena. As faces, quasi sempre pallidas, coravam-se ligeiramente; illuminava-lhe os olhos uma esperança repentina; respirava com ancia o ar fresco e frio; sentia-se extraordinariamente leve.

Arrastava uma vida monotona e solitaria. Havia trez annos que, obtendo um gráo na universidade, e, por isso, relativamente independente, fôra a casa de certo velho, que só de nome conhecia. Os lacaios de libré haviam-o feito esperar por muito tempo, antes de consentirem em annuncial-o pela segunda vez; porfim entrára n'um grande salão escuro e quasi sem mobilia, como ainda se encontram em certas casas antigas dos tempos dos castellos. Ahi deparára-se-lhe uma personagem carregada de condecorações e de cabeça coberta de cabellos grisalhos: era o amigo e collega do pae de Ordinov e tutor d'este. O velho entregou-lhe uma quantia insignificante, o que restava d'uma herança vendida em leilão. Ordinov recebeu a quantia com indifferença, disse ao tutor um ultimo adeus e sahiu. — Era por uma tarde de outomno ennevoada e triste. Ordinov poz-se a pensar. Sentia no coração uma desconsolação sem motivo; os olhos brilhavam-lhe com febre e tinha, sem descanço, estremecimentos alternados de calor e frio. Calculava que poderia com aquelle dinheiro viver uns dois ou tres annos, talvez quatro, contando com a fome... Mas iam correndo as horas, chovia; alugou o primeiro quarto que se lhe deparou e ao cabo d'uma hora achava-se installado. Ahi viveu como n'um eremiterio, em completo isolamento. Dois annos depois, dava em perfeito selvagem.

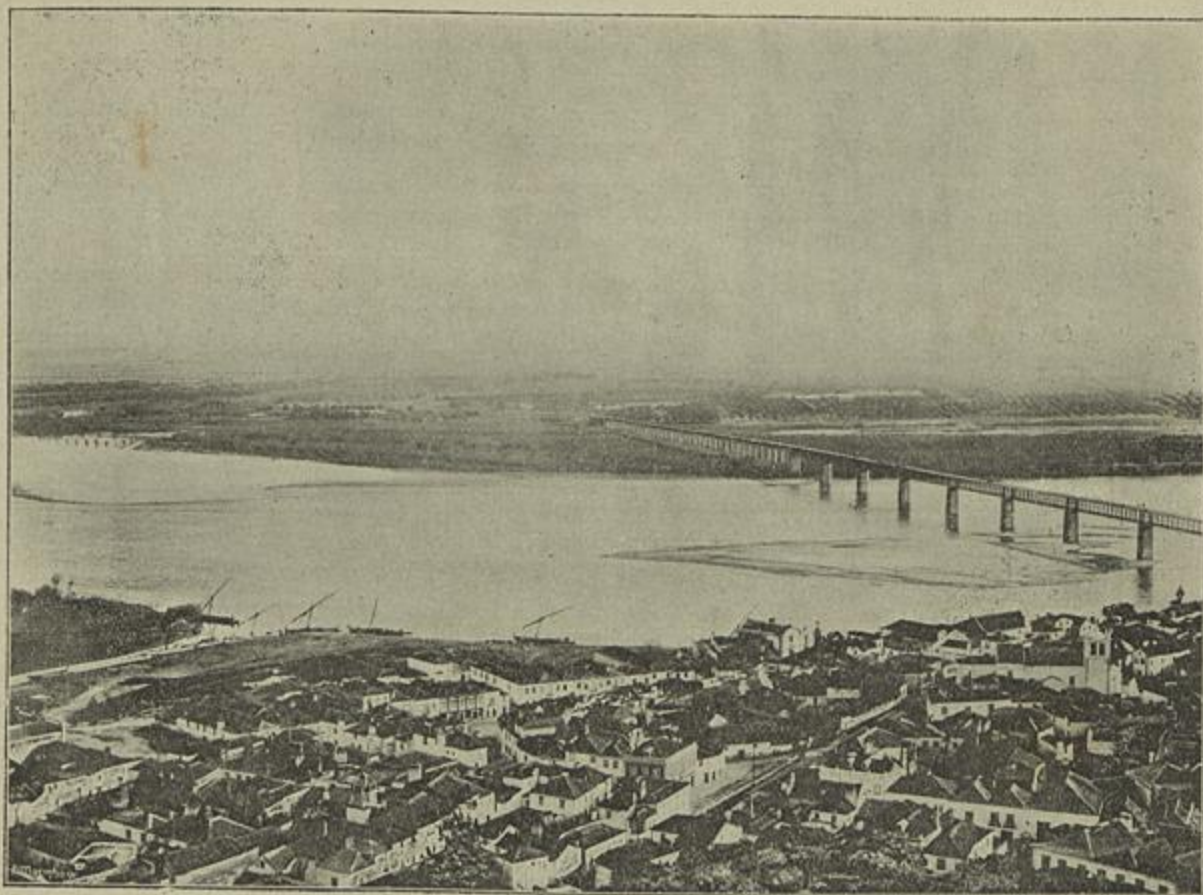
Dera em selvagem, mas não dera por isso. Não dava conta de que havia outra existencia, exterior, ruidosa, movimentada, renovada cada dia, que sem descanço chama por nós e ha de fatalmente, cedo ou tarde retomar-nos. Certo, não podia desconhecel-a de todo, mas nada d'ella sabia nem com ella se importava. Desde a infancia formára um vago isolamento interior: n'essa hora o isolamento accentuara-se, definira se e fortificara-se com a mais funda das paixões, a que exgota todas as forças da vida sem deixar aos entes como Ordinov uma só preoccupação da vulgaridade pratica da existencia, a paixão entre todas insaciavel: a sciencia. Essa lhe minára a existencia como veneno lento e lenta embriaguez, destruira-lhe o somno, criara-lhe o nojo á sã comida e até ao ar fresco que nunca penetrava no estreito cubiculo. Mas Ordinov, em sua exaltação, nada queria notar. Novo, nenhuma outra ventura sonhava n'esse instante, senão contentar a paixão que o tornava criança no guiar da vida e incapaz de conciliar a sympathia da gente e entre ella trepar a qualquer situação. Que a sciencia, entre sagazes é capital; mas a paixão de Ordinov era arma que contra o proprio peito apontava.

Que, afinal, era antes um enthusiasmo incerto do que uma tenção raciocinada de estudar e de saber. Desde a infancia criára assim uma fama de singularidade. Não conhecera os paes e o seu genio extranho e «á parte» atrahiam-lhe de seus camaradas maus tratos e brutalidades. Abandonado assim, tornou-se rabujento, cada vez mais «á parte» e, pouco a pouco, de todo *exclusivo*. Foi em taes disposições que se foi deixando seduzir por sua paixão, a que se entregava solitariamente sem ordem nem systema determinado. Até então fôra apenas o primeiro transporte, primeira febre de artista. Mas dentro n'elle desabrochava agora uma idéa, que cheio de amor contemplava, vaga ainda e por muito confusa que ainda fosse. Via-a, pouco a pouco, tomar vulto e illuminar-se: parecia-lhe que a apparencia supplicava uma realisação. O desejo consumira a alma de Ordinov, mas pouco claramente sentia por ora a originalidade da sua idéa, sua verdade e personalidade. Manifestava-se já a criação, limitava-se, condensava-se, mas o termo ainda estava longe, talvez muito longe: quem sabe até se havia de chegar...

E elle ia pelas ruas como um refractario, ou antes como asceta que de repente houvesse deixado sua muda soledade para dar entrada na cidade agitada e retumbante. Tudo para elle era fantastico e novo e (tão fóra andára da multidão ruidosa e do mundo em ebullição) que nem sequer podia pasmar do proprio pasmo. Tambem não dava pela propria selvageria, presa pelo contrario d'uma alegria e embriaguez comparaveis á d'uma familia que houvesse quebrado um longo jejum. Não era entretanto extraordinario que uma mudança de casa, um facto tão sem importancia, pudesse commover e perturbar um petersburguez, ainda que fosse Ordinov? — Verdade é que nunca tivera que sahir *por ter que fazer*.

Cada vez mais se comprazia em seu flaino de observador.

Fiel a seus habitos de espirito, lia nos quadros que se iam desenvolvendo claramente em si mesmo como entre as linhas d'um livro. Tudo o interessava; não perdia uma impressão. Com os olhos interiores ia examinando os rostos de quem passava, olhando com attenção para a physiono-

[1] Jacome Ratton — *Recordações* — pag. 248. (Não será preciso notar que os freires de Christo succederam aos templarios).

A RIBEIRA DE SANTAREM

mia das coisas, escutando ao mesmo tempo com sympathia o modo de falar do povo, como se pesasse as conclusões a que o haviam levado as meditações em socego de suas noites solitarias. Por vezes, qualquer futilidade o demorava, suggerindo-lhe uma ideia e pela primeira vez se agastava de ter assim fugido do mundo para uma cella. Tudo agora, dentro como fóra d'elle, caminhava mais depressa. Batia-lhe o pulso larga e vivamente; o espirito, que a solidão comprimira, aguçado agora, elevado pela exaltação da actividade, trabalhava com precisão, socego e energia. Quereria agora introduzir-se n'aquella vida que não conhecia ainda ou, para melhor dizer, que só conhecia como artista. Bateu-lhe fóra da propria vontade o coração n'uma angustia de sympathia universal. Poz-se a olhar com mais attenção para aquelles que se roçavam por elle; mas era gente que passava absorta e inquieta!... a pouco e pouco ia-se-lhe desvanecendo aquella indifferença, já o opprimia a realidade, dando-lhe como que o tedio e ao mesmo tempo o amor pela vida, e já o começavam a cançar a extraordinaria abundancia de impressões novas, como doente que dá seus primeiros passeios e cae, encandeado pela claridade do dia, tonto pela effervescencia da actividade humana, com a vertigem que lhe deu o ruido e a variedade da multidão que em torno d'elle se agita. Deu-lhe de repente uma tristeza desconsolada. Duvidava da direcção a dar á vida e de seu futuro até. Uma lembrança ainda lhe poz em acume a turbação: reviu todo seu passado, só, sem a troca d'um affecto... Alguns dos que iam passando e com quem primeiro tentára entabolar conversação haviam-se desviado com certo ar brutal e de extranhar. Cuidavam-o doido ou pelo menos muito original — no que pouco se enganavam. E Ordinov lembrou-se de que assim fôra sempre repellido e de que, durante sua infancia, todos fugiam d'elle por causa de suas birras e do seu ar absorto, de que suas sympathias não haviam nunca podido revelar-se senão por demonstrações ambiguas e molestas, sem egualdade moral. Fôra a grande dôr da sua infancia, ver que não se parecia com seus moços companheiros. E não o largava essa ideia do sentimento de sua incuravel solidão.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

Catalogo *da exposição dos trabalhos dos alumnos da Escola de Bellas-Artes de Lisboa, approvados no anno lectivo de 1898 a 1899 — Lisboa 1899.*

Foi esta a 17.ª exposição annual que se realisou nas salas da Academia. N'ella se encontram trabalhos de 173 alumnos, e alguns de verdadeiro merecimento na sua execução. Entre esses alumnos houve 15 premiados, sendo uns com medalhas de bronze e outros de prata, quatro com o premio pecuniario de 30$000 réis e tres com o de 20$000 réis.

No curso nocturno de desenho para operarios, que foi frequentado por 235 individuos, pertence á classe dos carpinteiros o maior numero d'elles, que ascendeu a 60. Seguem-se os canteiros em numero de 37; os entalhadores em 15, os marceneiros em 13; os estucadores em 15 e os pintores em 14.

O numero de 235 operarios, que quizeram aproveitar tão imprescindivel conhecimento da mais rudimentar necessidade em qualquer officio ou misteré, relativamente, importante, mas está muitissimo longe de ser de agradavel registo. O operario portuguez ainda não comprehendeu que precisa, já não dizemos illustrar-se, mas ao menos saber as regras mais vulgares do desenho. Tem graça o curso haver sido frequentado por um cortador, que tambem julgou util á sua arte de carniceiro o conhecimento do dezenho, que tantos outros em officios de maior importancia não se incommodam a estudar.

Revista critica de historia y literatura *española, portugueza é hispano-americanas. Anno III. Junio á Septiembre, 1898. N.os 6 a 9. — Oviedo 1899.*

Como se vê, acham-se reunidos no presente volume quatro numeros da festejada e erudita publicação, proficientemente dirigida pelo nosso illustre amigo D. Rafael Altamira.

Na impossibilidade de nos referirmos em especial a cada um dos seus interessantes artigos, transcrevemos o respectivo summario:

Notas criticas. — A. Ribalta: *Galicia en el último tercio del siglo XV*, de A. López Ferreiro. — F. J. Chavarri: *Estudio bio-biográfico del maestro Victoria*, de F. Pedrell. — J. de Barcelona: *Honduras literaria*, de R. G. Duron. — P. Roca: *Prachtisches Lehrbuch der spanischen Sprache*, de S. Gráfenberg — L. Palacios: *La Conquista del Reino de Maya é Idearium español*, de A. Ganivet. — E. Mele: *Ricerche ispano-italiane*, de B. Croce. — *Comunicaciones y noticias.* — A. Giménez. — *Causas de la estancia de Alfonso V en Italia* (conclusão). — A Monner, *Notas lexicográficas.* — A. Farinelli, *Apéndices á los apuntes sobre viajes y viajeros por España y Portugal.* — J. R. de Luanco, *El neologismo en las Ciencias.* — L. Rouanet, *El teatro español en Paris.* — F. Codera, *Las Bibliotecas y el préstamo de libros.* — A. Elias de Molins, *Una nota al Quijote.* — E. Mello, *Oda latina inédita de Garcilaso.* — A. Hillman, *Relaciones históricas entre España y Suecia.* — *Nuevo certamen de Derecho consuetudinario.* — A., *Relaciones entre Turcuato Tasso y Camoens.* — *Necrologias.* — *Noticias.* — *Notas bibliográficas.*

Brinde *(Calendario para 1900) do Armazem de A. Figueira Marques & C.ª — Rua do Loreto, 36 a 40 — Lisboa.*

É um gracioso voluminho.

Fabrica da Pampulha — *Industria Nacional. Bolachas e Biscoitos — Eduardo Costa — Calendario em cartão, para 1900.*

Mais um formoso calendario nos offereceu aquelle activo industrial portuguez. Alem do seu retrato, adorna-o uma linda composição que representa Pedro Alvares Cabral tomando posse solemnemente do Brazil em 1500, delicada aguarella reproduzida pela lithographia da Companhia Nacional Editora de Lisboa.

É um brinde util e elegante, e que relembra o grande acontecimento commemorado no presente anno.